

**POLICIAL FALANDO DE EDUCADORA:
“APERTA BEM A ALGEMA DESSA VADIA”**

“DIA DE CÃO” TEVE BOMBAS, BALAS DE BORRACHA, CÁRCERE IMPROVISADO PELA PM NO ANDAR TÉRREO DA REITORIA

Pedro Estevam da Rocha Pomar
Editor da *Revista Adusp*

Américo Kerr





Américo Kerr

Daniel Garcia

As primeiras bombas foram lançadas sem aviso, surpreendendo os manifestantes. Na foto abaixo, o pelotão de choque faz o trajeto inverso e volta a atacar



Américo Kerr

Foi um “Dia de Cão” na Cidade Universitária do Butantã, em São Paulo. Uma data que ficará na memória da instituição não apenas em razão do sangue derramado e das inúmeras agressões infligidas a professores, funcionários e estudantes da USP, mas pela humilhação sofrida por toda a comunidade universitária nas mãos da Polícia Militar, a pedido do reitor que se elegera prometendo “diálogo” e jurando jamais chamar a PM.

Decidido a votar a qualquer custo, na reunião de 7 de março de 2017 do Conselho Universitário, sua draconiana proposta de ajuste fiscal, eufemisticamente denominada “Parâmetros de Sustentabilidade Econômico-Financeira”, o reitor da USP, M.A. Zago, convocou o pelotão de choque da Força Tática para dissolver a manifestação de protesto convocada pelas entidades de representação das três categorias, e com isso abrir caminho à livre entrada dos conselheiros fiéis à Reitoria.

O compadrio entre a gestão de M.A. Zago e V. Agopyan e a Polícia Militar, com respaldo do governador Geraldo Alckmin (PSDB), resultou numa chocante demonstração de brutalidade no dia 7 de março, deixando claro que não há lugar para a democracia no projeto político do reitor. Apesar da vitória obtida, ficou desmoralizado. Chamado à queima-roupa de “bandido” por uma representante discente, quando chegava à sala de reuniões do Conselho Universitário, M.A. Zago empalideceu e calou-se. A poucos meses do fim do mandato, governa a USP de braços dados com a tropa do Koban



Américo Kerr

Pelotão de choque após limpeza da área, na Reitoria

Embora pouco numeroso, o pelotão de choque da Força Tática era dotado de grande poder ofensivo. Estava preparado para lançar manualmente, ou com lançadores, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral, e para disparar balas de borracha. Todo este arsenal foi utilizado contra os manifestantes no dia 7 de março. Além disto, o pelotão de choque recebeu o apoio de motociclistas, de viaturas estacionadas no entorno e dos policiais do “Sistema Koban”, estes últimos inicialmente concentrados no prédio da Reitoria, cercado por altas grades.

Nani Figueiredo, educadora da Creche Central, filmava as agressões covardes sofridas por um colega do Instituto de Biociências (IB) cercado por vários policiais quando foi, ela mesma, agredida, derrubada, chutada e xingada de “vagabunda” por homens e mulheres da PM

Toda sorte de violências, materiais e simbólicas, foi cometida por soldados e soldadas da PM. Alguns episódios merecem ser citados.

As primeiras bombas foram lançadas, sem qualquer aviso, sem qualquer tentativa de negociação, sobre as pessoas que se encontravam conversando diante do portão principal da Reitoria, fechado naquele momento, como na maior parte do tempo. Entre elas estavam crianças, pessoas com dificuldades de locomoção e o autor deste relato.

Nani Figueiredo, educadora da Creche Central, filmava as agressões covardes sofridas por um colega do Instituto de Biociências (IB) cercado por vários policiais quando foi, ela mesma, agredida, derrubada ao chão, chutada e xingada de “vagabunda” por homens e mulheres da PM. “Aperta bem a algema dessa vadia”, disse um policial. Tudo isso no pátio da Reitoria.

Conduzida a uma sala no térreo da Reitoria, Nani permaneceu ali por cerca de uma hora na companhia de outros manifestantes igualmente detidos e algemados, como o colega do IB e Mariana Brum, aluna



Armas em profusão e instruções por celular

da Escola de Comunicações e Artes (ECA) capturada no entorno da Reitoria, bastante machucada e abalada em razão das agressões que sofrera dos PMs.

Também no pátio da Reitoria, o professor José Sérgio de Carvalho, representante da Congregação da Faculdade de Educação no Co, protestou ao ver um aluno ser chutado na cabeça. Ato contínuo, o próprio José Sérgio foi golpeado pelo cassetete de um PM, como relataria ao Co na reunião de abril.

Na Rua da Reitoria, atingidos por golpes de cassetete na cabeça, Diana Assunção, diretora do Sintusp, e Franciel de Souza, aluno da ECA, sangraram abundantemente. Precisaram ser atendidos no Hospital Universitário (HU).



Américo Kerr



Daniel Garcia

Franciel de Souza

O HU não foi respeitado pelos policiais do Koban. Agindo como tropa de ocupação, os PMs intimidaram manifestantes feridos, empurraram um médico e detiveram Fernando Magarian, estudante da ECA que fora até lá para acompanhar o atendimento ao colega Franciel.

Na Praça do Relógio, duas professoras da FFLCH tentaram dialogar com os PMs da Força Tática que perseguiam alguns alunos. Em resposta, foram chamadas de “arrombadas”.

O tenente Telles, que comandava as ações do Koban, lançou *spray* de pimenta diretamente no rosto de uma jovem funcionária que tentava recuperar uma sacola de sua propriedade, onde reunira restos de artefatos disparados pela pelotão de choque contra os manifestantes. A

jovem quase desmaiou. Sentada no chão, passou mal em frente à Reitoria, do lado de fora das grades. Instados a pedir socorro, a equipe de segurança e PMs que se encontravam do lado de dentro recusaram-se a tomar qualquer providência.

Este é um breve apanhado da selvageria desencadeada pelo reitor com a finalidade de ver aprovado o seu pacote fiscal. Resumo que ficaria incompleto se deixássemos de mencionar outros fatos notáveis.

Primeiro: ainda sucediam correrias, bombas e escaramuças entre policiais e manifestantes quando teve início a reunião do Co (falaremos dela adiante). É possível que, nesse momento, os detidos ainda se encontrassem, algemados, no cárcere improvisado no andar térreo.

Segundo: Maria Paula Dallari Bucci, professora da Faculdade de Direito (FD) e superintendente jurídica da USP, avistou-se com Nani e os outros manifestantes encarcerados na sala térrea da Reitoria, quando se encaminhava para o salão do Co, e nada fez para tirá-los de lá ou sequer providenciar-lhes um advogado, que a PM não permitira que fosse chamado.

Terceiro: o diretor do Instituto de Relações Internacionais (IRI), membro da Comissão de Legislação e Recursos (CLR) e ex-coordenador da Comissão Nacional da Verdade, professor Pedro Bohomoletz Dallari, irmão de Maria Paula, subiu à tribuna do Co para defender a ação da PM e criticar a oposição ao reitor.

“Eu queria entender se este Conselho vai acontecer com gente apanhando, com gente ferida lá fora”, protestou Luana Silva, representante discente. Quando o reitor acusou os manifestantes de “banditismo”, ela retrucou de imediato: “Bandido é o senhor, que colocou a PM para bater em estudante!”

Daqui para a frente, vale a pena reproduzir trechos do relato publicado no *Informativo Adusp* 432.

Ao chegar ao salão onde o colegiado se reuniria, o reitor foi recebido por gritos de “Fora, Zago!”, fato inédito. “Eu queria entender se este Conselho vai acontecer com gente apanhando, com gente ferida lá fora”, protestou, antes do início da reunião, a estudante Luana dos Santos Silva, do Instituto de Psicologia (IP), representante discente (RD) da Graduação. Em seguida, quando o reitor acusou os manifestantes de “banditismo”, ela retrucou de imediato, em voz alta: “Bandido é o senhor, que colocou a PM para bater em estudante!”. Ele se calou, dirigindo-se apressadamente para a mesa.

M.A. Zago foi, então, interpelado por várias RDs ao mesmo tempo. “Tem estudante sangrando lá fora, tem bomba de gás lacrimogêneo. O sr. vai fazer o Conselho mesmo assim?”. “Absurdo”. O reitor pareceu empalidecer frente à saraivada de questionamentos. Seguranças cor-



Policiais do “Koban” derrubam a educadora Nani Figueiredo

NO CALOR DA HORA

Intervenções de membros do Conselho Universitário no decorrer da reunião de 7 de março

ANA MARIA LOFFREDO (IP):

“Fazia muito tempo que eu não vivia diretamente uma experiência de violência, de absurdo, de uma dimensão quase irreal desse tipo — que fizeram minhas pernas tremerem e meus olhos se incomodarem enormemente com o gás. Bombas, armas apontadas para alunos, funcionários e docentes, prisões e pessoas feridas. Lembrei-me da época da Ditadura, quando eu era estudante da USP. Me incluo naquela parcela da universidade que não se curva a este ciclo de violência e ausência de exercício democrático capitaneado por esta Reitoria”

ANDRÉ SINGER (FFLCH):

“Para surpresa de todos nós, aparece uma proposta, às vésperas de uma reunião do Conselho, às vésperas do Carnaval, quando as aulas não haviam começado. Eu pergunto: é possível considerar este um processo democrático de deliberação? E eu tenho a obrigação funcional e regimental de vir aqui pôr esta questão, porque a minha Congregação não se reuniu para decidir. Portanto eu, como representante da Congregação, pergunto: este é um método democrático de deliberação? A decisão de desencadear uma brutal repressão aos manifestantes só faz crescer a impressão de que isto está sendo votado à força”



Daniel Garcia

Nani mostra como foi agredida

JOSÉ SÉRGIO CARVALHO (FE):

“Somos nós que não devemos permitir, como professores, que a Polícia Militar adentre aqui. Presenciei um aluno meu, nosso aluno, sendo chutado na cabeça pela Polícia. Nós sabemos como a Polícia age. Ninguém pode alegar que não sabia que isso aconteceria. Me encontro diante de um fato que está me parecendo quase um teatro do absurdo. Nós estamos discutindo a saúde financeira da universidade e colocando em risco sua saúde espiritual. Não é possível a gente permanecer aqui, discutindo os rumos econômicos e ignorando o que aconteceu, patrocinado por uma Polícia que nós chamamos. Pelo meu dever moral, o que tenho a dizer é que me retiro desta reunião, porque ela não tem legitimidade”.

GABRIELA SCHMIDT (RD-FFLCH):

“Foi a primeira vez que a Reitoria da USP colocou a Polícia para conseguir aprovar uma pauta política. Isso é grave. Para nós, estudantes, a única medida razoável e justa seria o cancelamento deste Conselho, como uma reparação àqueles que estão ainda no Hospital Universitário e aos que foram detidos. Para nós, os heróis são eles, e não os que estão aqui dentro. Fica dado o recado: vamos nos mobilizar, vamos defender a universidade contra o reitor e colocar nosso grito na rua, que é *Fora Zago!*”

BRUNO SPERB ROCHA, funcionário:

“E ainda que tenha sido a Polícia Militar que tenha feito isso, é na mão do reitor que está o sangue derramado aí fora, dentro da Universidade de São Paulo. Na mão do reitor, que tomou a decisão de chamar a Polícia, e na mão de cada um e cada uma, de cada membro do Conselho Universitário, daqueles que entraram aqui escoltados pela Polícia. Nenhum de vocês falou nada sobre o fato de que o governador, sistematicamente e há quase dez anos, descumpra a lei e não repassa os 9,57% do ICMS, e que só a diferença desse desfalque nos últimos dois anos foi mais de meio bilhão de reais”.

reram para protegê-lo. Ciente de que o episódio estava sendo registrado em vídeo, M.A. Zago queixou-se, irritado: “Olha, você já gravou o que queria gravar...”.

Apesar dos protestos e da ausência de expressivo número de conselheiros, a Reitoria conseguiu iniciar e concluir a reunião, levando à votação os “Parâmetros”, cujo texto-base foi aprovado por escassa maioria: 52 votos favoráveis (43,69% do número total de membros do Co: 119), contra 32

Américo Kerr



Prisão da aluna Mariana Brum



Prisão de David Molinari



Tentativa de captura

e duas abstenções. Porém, foram apresentados diversos destaques, que seriam apreciados na reunião seguinte do Co, em 11 de abril.

No decorrer dos debates, representantes de congregações (FE, IP, FFLCH, Instituto de Matemática e Estatística), representantes dos funcionários e RDs usaram da palavra não apenas para condenar a truculenta ação policial, mas, igualmente, repelir o teor do documento proposto pela Reitoria. Por outro lado, conselheiros ligados à Reitoria, como a professora Maria Aparecida Moreira Machado, diretora da Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB), defenderam a ação policial e criticaram a “agressividade gratuita” dos manifestantes.

O RD Cristiano Buoniconti Camargo (FD) destacou o fato de que, durante a campanha eleitoral de reitor, M.A. Zago comprometeu-se a “jamais” recorrer à força física contra opositores. “A manifestação era absolutamente pacífica. Como resultado da ação da Polícia, tivemos estudantes e funcionários fe-



Manifestante se defende com escudo improvisado

ridos. Hoje é um dia triste para a universidade”, enfatizou Camargo, que encerrou entoando a canção “Apesar de Você”, de Chico Buarque (“Apesar de você/Amanhã há de ser/Outro dia”).

Na sua reunião seguinte, em 11 de abril, o Co aprovou por maioria simples os pareceres da CLR e da Comissão de Orçamento e Patrimô-

nio (COP) contrários aos destaques apresentados na reunião anterior e favoráveis ao texto original dos “Parâmetros”. Única exceção: foi retirada por sugestão da própria CLR, por absoluta falta de previsão legal, a obrigatoriedade de maioria qualificada (dois terços dos membros do Co) para eventuais alterações futuras no “pacote”.



Américo Kerr

De modo a garantir que o Co votasse a rejeição aos destaques no dia 11 de abril, o reitor voltou a utilizar expedientes nada democráticos, tais como agendar a reunião com apenas três dias úteis de antecedência e em plena Semana Santa

De modo a garantir que o Co votasse a rejeição aos destaques, o reitor voltou a utilizar expedientes nada democráticos, como agendar a reunião com apenas três dias úteis de antecedência e em plena Semana Santa. Mais uma vez, a PM esteve presente em grande número, dentro e fora da Reitoria. Por outro lado, M.A. Zago reuniu-se



Restos de bombas e cartuchos

pela manhã, na própria Reitoria, com os diretores de unidades, recorrendo assim ao “encontro de dirigentes” — instância clandestina, inexistente no Estatuto da USP, criada por seu antecessor J.G. Rodas, e na qual a oligarquia da universidade tem tomado suas decisões, deixando ao Co papel meramente homologatório.

Em seguida à reunião entre M.A. Zago e os diretores, foi servido um almoço, também na Reitoria, para o qual todos os membros do Co foram convidados. Assim, o reitor conseguiu garantir que a maioria dos membros do colegiado chegasse ao local bem antes dos manifestantes mobilizados pela Adusp, Sintusp, DCE e outras entidades estudantis, e lá permanecesse.

REITOR OU FEITOR?

Reprodução/DCE Livre



Embora insistentemente questionado pelas representantes discentes, M.A. Zago recusou-se a suspender a reunião do Co

Conselheiros e conselheiras que se opunham ao pacote fiscal optaram, desta vez, por retirar-se do Co antes da votação, depois de uma declaração na tribuna. Mas esta manobra legítima, fruto de uma articulação prévia, não foi suficiente para impedir que a reunião alcançasse quórum.

A aprovação final dos “Parâmetros” pelo Co em 11 de abril, com a rejeição dos destaques, não conseguiu acobertar o sentimento de inquietação suscitado pelas medidas. Diversos conselheiros, entre os quais vários que não se identificam com a oposição à Reitoria, lançaram advertências quanto ao açodamento na tramitação da proposta e à sua absoluta falta de fundamentação.

O professor Aluisio Segurado, representante da Congregação da Faculdade de Medicina (FM), ao relatar ao Co as preocupações levantadas em reunião de docentes da unidade, destacou o “pouco tempo que foi dado

para discussão ampla disso no ambiente universitário e com os nossos interlocutores de fora da universidade”, e registrou que após a reunião ele e sua suplente buscaram obter “acesso ao teor exato do documento, que contivesse todas as emendas e propostas, e no entanto nos foi informado que esse documento só estaria disponível a partir da deliberação da COP e da CLR com a sistematização dessa documentação”. Pois bem, prosseguiu, “essa documentação só chegou às nossas mãos na sexta-feira que antecede essa reunião de hoje, sendo que a convocação para este Co se deu na quinta-feira à noite, então mais uma vez tivemos que atropeladamente tentar ouvir os nossos colegas”.

Houve repetidas críticas à imposição da relação 40% de docentes/60% de funcionários técnico-administrativos, vocalizadas tanto pelo professor Marcelo Urbano Ferreira, representante da Con-

gregação do Instituto de Ciências Biomédicas, como pelos diretores do Instituto de Física, Marcos Martins, e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Pietro Ciancaglini. Nada disso demoveu a maioria dos conselheiros.

Desse modo, o Co não somente endossou, por ampla maioria, as violências físicas cometidas pela PM, como autorizou a adesão da USP à Lei de Responsabilidade Fiscal, o que poderá acarretar novos e severos cortes no quadro funcional da instituição, além de congelamento de salários e outras consequências negativas relacionadas à imposição de tetos para os gastos com pessoal, como, por exemplo, a quebra da isonomia e possível esvaziamento do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp).

Magnífica obra, digna do mandatário que os estudantes classificaram, com muita propriedade, como “capacho do governador”.